

OUTRA PERSPECTIVA ACERCA DO CONCEITO DE *DISSIMULAZIONE ONESTA* DE TORQUATO ACCETTO*

Edmir MÍSSIO

SINOPSE *O tratado de Torquato Accetto, Della dissimulazione onesta, editado em 1640, foi redescoberto por Benedetto Croce, passando a atrair a atenção do público e da crítica especialmente a partir dos anos 80. Este interesse seguiu não só na esteira de um contexto amplo de retorno dos estudos sobre a prudência aristotélica, mas também por sua peculiar composição, calcada em uma prosa com períodos harmoniosos. Esta tese contrapõe-se à crítica baseada especialmente no contexto social e em projeções psicológicas sobre o autor; desenvolve-se antes um estudo que visa dar conta da construção do texto, sob o aspecto de sua inventio, dispositio e elocutio, em função ainda dos gêneros em que se insere, o tratado e o epidítico. Contemplam-se a estrutura e o estilo da composição accettiana, a partir das retóricas clássicas e dos tratados de agudezas. Circunscrevem-se os lugares comuns político-morais a partir de Aristóteles, Cícero, Sêneca e Agostinho, passando por Maquiavel até os teóricos da razão de Estado.*

SYNOPSIS *Torquato Accetto's treatise Della dissimulazione onesta, edited in 1640, was rediscovered by Benedetto Croce, and has since the 80's raised public and critical attention. This interest not only followed the wake of a broader context of return to studies on Aristotelian prudence, but also couched on Accetto's peculiar form of composition, based on a writing in prose endowed with harmonious sentences. This doctoral dissertation goes against the grain of that kind of criticism based on the underlying social context or on psychological projections regarding the autor, it develops, rather, a study intending to account for textual construction under the guise of its inventio, dispositio and elocutio, as well as for the genres under which the work is inserted, those of the treatise and epidictic. The structure and style are also investigated, taking as reference classical rhetoric and treatises on wit. Political-moral common places are circumscribed too, including those of Cicero, Seneca, Augustine, through Machiavelli and the theoreticians of the reason of State.*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 30 de setembro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Antonio Alcir Bernardes Pécora.

Editado em 1641, o libreto *Della dissimulazione onesta*, escrito por Torquato Accetto, permaneceu esquecido até se tornar foco da crítica e do público no século XX, especialmente na década de 1980, com a edição crítica de Salvatore Nigro. Este interesse, de um lado, deve-se à voga dos estudos sobre aristotelismo político do século XVII, com acento para a questão da Razão de Estado, e de outro, pela característica incomum do texto de Accetto quando confrontado com este tipo de produção letrada.

De modo geral, as várias abordagens da crítica sobre o tratado accettiano caracterizam-se pelo corte histórico. O historiador Rosário Villari, aliás, é quem nos fornece um útil balanço de boa parte das apreciações sobre o tratado de Accetto, estipulando ‘duas correntes interpretativas’ divisadas até então: uma, estabelecida a partir de Benedetto Croce e seguida por Goffredo Bellonci, Giovanni Macchia, Alberto Asor Rosa, Mario Rosa e Albano Biondi, que basicamente focaliza a valorização do “viver cauto” como forma de prover e manter uma “*libertà interiore dell’individuo*”, com reservas à prática política; e outra, de Nigro, que entrevê no diminuto tratado uma veia de protesto, ainda que “*sempre una rinuncia, sia pure ‘protestata’*”¹.

Na base destas interpretações plausíveis está tanto o contexto histórico de submissão do reino de Nápoles à Espanha, quanto a presença sempre aterrorizadora da Inquisição. Nigro, em particular, acentuaria ainda um aspecto pouco vantajoso do ofício de Accetto como secretário de palácio, o da servilidade. Para além das duas vias, destaca-se o testemunho cauteloso de Giorgio Manganelli que, no prefácio à edição crítica, admite abertamente suas incertezas interpretativas.

O próprio Villari, por sua vez, destaca uma “*vena di ambiguità*” a perpassar todo o tratado de Accetto, a qual, ao mesmo tempo, autoriza e contradiz “*l’interpretazione intimistica, in chiave di riflusso e di rinuncia*”. O texto espelharia assim uma contradição interna do autor, dividido “*tra chiusura in se stesso e volontà di impegno*”, esforçando-se por “*liberarsi dalla passività e dall’impotenza*”². Villari observa ainda que apesar de não ser privado “*di una reale o potenziale influenza politica*”³, o tratado accettiano não se alinha junto àqueles que tratam da razão de Estado e da formação do príncipe, nem junto à produção letrada sobre secretários e cortesãos.

Quando vamos ao *Della dissimulazione onesta*, vemos no exórdio a afirmação de um necessário espelhamento na escrita da ação preceituada. Pode-se dizer que enquanto os tratados políticos e morais, de modo geral, se pretendem uma espécie de ciência política ou moral, investindo antes na *inventio*, o elogio produzido por Accetto insinua destacar-se igualmente, e sobremaneira, pela composição em termos de *dispositio* e *elocutio*. Nesse sentido, ao *Della dissimulazione onesta* poder-se-ia reivindicar o valor retórico da *novitas* e da *difficultas*, que, assim como previsto na formulação de

¹ VILLARI. *Op. cit.*, pp.30-31.

² *Idem*, p.32.

³ *Idem*, p.34.

Quintiliano, repousa na produção de graça e deleite advindas das figuras, as quais promovem o desvio do costumeiro⁴.

Assim como se verá, mais do que um reflexo do estado de espírito do autor, as dificuldades interpretativas estão previstas na proposta accettiana. Ademais, por meio do elogio a um conceito central às obras que, no período, tratam da vida civil e da ação governativa, realiza-se como que uma sùmula dos textos voltados para a formação de príncipes, cortesãos e secretários. Daí o tratado participar de todos os segmentos elencados por Villari, ainda que não possa ser inserido plenamente em nenhum deles.

O jogo previsto e provido pela escrita accettiana encaminha para uma leitura igualmente diversa da postulada por Nigro, que o relaciona com a poesia sacrificial – no caso, as *Muse del Calvario* de Angelo Grillo e *La strage de gl'innocenti* de Marino⁵. Esta aproximação tem como base não só aspectos elocutivos do texto, mas também relativos à imagem do secretário construída por Nigro.

Do plano interno, destaca-se a ocorrência de vocábulos como *cicatrici*, *ferite* e *esangue*, o primeiro em referência ao esforço do autor, os outros dois em relação ao próprio tratado. Este recurso ao grandioso e ao patético, além de ser adequado para angariar a benevolência do leitor, une-se ao uso da prosopopéia, com a imagem do ‘livro exangue’, que, pela ficção manifesta e exagero, poderia antes conferir um efeito de leveza, e mesmo de ironia, à lamentação. A mesma terminologia encontra-se, por exemplo, no prólogo do *Libro del cortigiano*, quando Baldassare Castiglione manifesta pressa em lançar seu livro “*poco castigato per mia mano che molto lacerato per man d'altri*”⁶.

Creio que se pode pensar assim em um tom mais amável, cortesão, de deleite do que o sacrificial. Termos como *cicatrici* e *esangue*, tal como o aponta o próprio Nigro⁷, encontram-se em Quintiliano ao se referir aos excessos na correção (*emendatio*)⁸, e, portanto, como lugares-comuns próprios à *captatio benevolentiae*, não implicariam o ‘peso’ aferido; eles estão inseridos na tópica da falsa modéstia, que amplifica o valor do texto ao pedir compreensão por sua exigüidade, a qual, por sua vez, se transformaria em uma das características fundamentais da composição lacônica anunciada pelo próprio Accetto. Conforme notou precisamente Alcir Pécora, este anúncio, por si só, já cria o efeito imediato de provocar a expectativa no leitor sobre possíveis sentidos ocultos a serem desvendados, promovendo desde então a própria dissimulação⁹.

⁴ cf. QUINTILIANO. *L'istituzione oratoria* (a cura di Rino Faranda e Piero Pecchiura). 2vs. Torino. UTET. 1979, livro II, 13, 10-11.

⁵ cf. ACCETTO, *DDO*, n.11, p.32.

⁶ CASTIGLIONE. Baldessare. *Il Cortigiano, Opere di Baldassare Castiglione, Giovanni della Casa, Benvenuto Cellini* (a cura di Carlo Cordié). Milano-Napoli. Ricciardi.s/d., p.6.

⁷ Nigro, in ACCETTO, *DDO*, n.10, p.31

⁸ Cf. *L'istituzione oratoria*, X, 4, 3.

⁹ Alcir PÉCORA. “O Livro do Prudente Secretário”, in ACCETTO. Torquato. *Da Dissimulação Honesta* (trad. Edmir Missio). SP. Martins Fontes. 2001, p.xi.

Alessandro Duranti criticaria justamente o afã de certos críticos em buscar *intenzioni criptiche* nos finais de capítulo em forma afunilada¹⁰, o que nem sempre chega a ter resultados. Por certo, não deixa de ser interessante a notação de Manganelli sobre o final do capítulo III, do qual destaca as palavras laterais do triângulo, ao modo de acróstico, a formar a seqüência: “*temendo / mostrando / sudore / rogo*”¹¹; contudo, neste sentido, parece mais adequado extrair a seguinte seqüência: *rogo / temo / suo / do(lo)re*, pela qual, de todo modo, se entreveria um mesmo temor de Accetto frente ao sofrimento da fogueira inquisitorial:

...“*E qui bisogna il termine della prudenza che, tutta appoggiata al vero, nondimeno a luogo e tempo va ritenendo o dimostrando il suo splendore*”¹².

Sobre a própria forma triangular ou de pirâmide invertida, ou ainda ípsilon pitagórico – derivado dos poemas figurados da *technopaegnia* alexandrina –, esta podia ter várias conotações, como a de “ordenamento do cosmos”¹³, de “via do déspota e do filósofo”¹⁴, ou ainda o *bivio* (dupla via, encruzilhada), citado por Gracián a lembrar “*los dos caminos tan opuestos del mal y del bem*”¹⁵. Mas, as hipóteses de interpretação deste recurso, bem como dos acrósticos, são sobremodo dificultadas por se tratar de forma já vulgarizada pela escola tipográfica de Aldo Manuzio¹⁶.

O afã apontado por Duranti pode ser imputado à sua própria postura ao formular críticas algo exaltadas quanto ao texto de Accetto, ou antes, quanto ao que ele julga a real postura ética do autor, ao considerar o tratado uma “*amplificazione retorica metallica e burocratica di un cinismo elevato a sistema di vita e di governo*”¹⁷; pelo

¹⁰ Alessandro DURANTI. Da un dizionario seicentesco. Lubrano, Accetto, Pallavicino. *Paragone*. Anno XXXV. No 414, agosto, 1984.

¹¹ MAGANELLI. “Presentazione”, in ACCETTO. *DDO*, p.16.

¹² [E aqui se necessita do limite da prudência que, inteiramente apoiada na verdade, não obstante, no devido lugar e tempo, vai retendo ou mostrando o seu esplendor].

¹³ Assim referido por Pozzi ao comentar o *Paraíso Perdido* de Milton. cf. POZZI. Giovanni. *La Parola Dipinta*. 2ª ed. Milano. Adelphi. 1996, p.81.

¹⁴ Segundo Nicosia, citando o livro *Monada Hieroglífica* de John Dee. Cf. *La Fortezza della Luce, o la Via Regia*. In Zenit Studi – Ermetismo. Internet. <http://www.zen-it.com/fortezza.htm>, p.3.

¹⁵ GRACIÁN. Baltasar. *El Discreto*. (ed. Aurora Egidio) Madrid. Alianza (El libro de bolsillo). 1997, cap. XXV, p.356.

¹⁶ Segundo Ana HATHERLY. Pirâmides obeliscos mausoléus e lisonjas do barroco português. *Colóquio artes. Revista trimestral de artes visuais, música e bailado*. No 66. Setembro. 1985, pp.5-6.

¹⁷ DURANTI. *Op. cit.*, p.21.

que, ainda, define o dissimulador como “*un tipo dry [...] inodore, insapore, e chissà quante altre cose che la dissimulazione impone di tacere, per non scoprire troppo le carte*”¹⁸.

Tais afirmações denotam uma leitura pouco atenta do texto accettiano: com relação à primeira delas, decoro é confundido com “cinismo”; quanto à segunda, o próprio Accetto, ao indicar ter escrito de modo análogo à ação preconizada, expõe as características do dissimulador honesto: sincero (claro), prudente (lacônico), engenhoso (agudo).

Refutam-se assim aqui interpretações que contribuem para promover uma imagem demasiado grave e taciturna do tratado, e, logo, do próprio dissimulador.

Contudo, sem excluir uma tintura melancólica e grave do texto, deve-se ter em conta que este tom acinzentado não impede o prazer da ironia, ao contrário, é seu pressuposto. A ironia joga justamente com um prazer possível da razão frente ao desengano das aparências, com o restrito e temperado sorriso em lugar do largo e destemperado riso. Neste sentido, pode-se aduzir o testemunho do próprio Accetto que dedica o décimo capítulo justamente ao deleite produzido pela dissimulação, ao restaurar a paz perdida.

Enquanto exemplo de dissimulação escrita, o texto seria análogo de certo modo à atuação civil preconizada que pressupõe sinceridade calculada (compreendida no ensino da dissimulação) para a realização da perfeita dissimulação (compreendida na agudeza), ambas compostas sob a elegância das amabilidades de modo conveniente à vivacidade da conversação ‘urbana’, apropriada à corte e às academias.

À gravidade da argumentação une-se pois a graciosidade das figuras. De um lado, há os efeitos sonoros, já destacados por Nigro, como a isocolia (*qualità-quantità*) de dois decassílabos intercalados por um endecassílabo: “*A questo mio trattato io pensava di aggiungere alcune altre mie prose, perché'l volume, che ha difetto nella qualità, fosse in qualche considerazione per merito della quantità*” (*L'autor a chi legge*); a paronomásia (*cieco-Cielo*): “*è più che cieco chi pensa che prender diletto della Terra s'abbia d'abandonnar il Cielo*” (*idem*); os verbos ritmados: “*Così è amator di pace chi dissimula com l'onesto fine che dico, tollerando, tacendo, aspettando*” (*idem*); a assonância: “*sì che gli uffici del tempo e i servigi degli elementi*” (cap.II); a aliteração: “*e dico che ciò avviene fuor di sé, perché niuno, il qual non abbia perduto il bene dell'intelletto, ha persuaso se stesso al contrario del suo concetto che sia da lui appreso con la ragion in atto*” (cap.III); e a rima: “*che ricercano d'esser tollerate, ch'è lo stesso a dir dissimulate*” (cap.XVII).

Dentre as metáforas, vale destacar a *personalizadora*, que Accetto, na *peroratio*, por exemplo, aplica à própria dissimulação ao invocá-la como divindade e agradecer-lhe os benefícios. Lugar-comum da época e conceito central ao seu entendimento é a

¹⁸ Idem, pp.24-25.

metáfora do ‘teatro do mundo’ (cap. XVII), metáfora cuja ‘origem’, seguindo a indicação de Ernest Curtius, encontra-se em Platão: nas *Leis* (I, 644de), quando o homem é concebido como “fantoche de Deus”, e no *Filebo*, quando é assinalado pela ‘voz’ de Sócrates:

*“Le raisonnement nous signifie donc que, dans le chants de deuil, les tragédies et les comédies, non seulement au théâtre mais dans toute la tragédie et comédie de la vie et dans une multitude d’autres occasions, les douleurs se mélangent aux plaisirs”*¹⁹. (Philèbe, 50b)

A mesma concepção, novamente segundo Curtius, se tornaria lugar-comum dos “discursos filosóficos-populares (‘diatribes’) dos cínicos”, bem como dos primeiros escritores cristãos²⁰.

O escrito exemplar da dissimulação representaria um tipo exemplar da corte, o discreto, que em meio à sua atuação não prescinde dos aspectos mais propriamente lúdicos da civilidade.

Com base nesse espelhamento da palavra e da ação dissimuladas, entendidas aqui como capacidades civis e políticas, bem como recursos de efeito prazeroso e de autodefesa, acompanhados de elegância e agudeza, pode-se construir uma imagem do dissimulador que seguiria diversa daquela proposta por Durante, de um tipo ‘dry’. Ademais, esta segue na contramão da proposta de Accetto quando diz:

...“*Se alcuno portasse la maschera ogni giorno, sarebbe più noto di ogni altro per la curiosità di tutti; ma degli eccellenti dissimulatori, che sono stati e sono, non si ha notizia alcuna*”²¹.

Afirma-se a dissimulação da própria dissimulação como condição de sua excelência, e, no limite, de seu uso.

Igualmente, podem ser minimizadas as imagens de martírio e de laceração interior formuladas por Nigro, haja vista que a dissimulação – enquanto, diríamos, mal menor – teria como fins evitar justamente um efetivo martírio e ainda alcançar algum gozo

¹⁹ [O argumento nos mostra portanto que, nos cantos de luto, nas tragédias e nas comédias, não somente no teatro mas em toda a tragédia e comédia da vida e em uma multidão de outras ocasiões, as dores se misturam aos prazeres]. PLATÃO. *Philèbe* (texte établi et traduit par Auguste Diès), in *Oeuvres complètes*. Tome IX. 2^a partie. Paris. Belles Lettres. 1949.

²⁰ Ernest CURTIUS. *Literatura Européia e Idade Média Latina* (trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai). SP. Hucitec/EDUSP. 1996, pp.193-196.

²¹ ACCETTO. *DDO*, cap. V.

possível. Mesmo sendo “*travaglio*” e “*necessità*” da vida terrena, como assinala Accetto, a dissimulação se ‘dissolveria’ até certo ponto na ambigüidade própria das relações humanas.

Ademais, Accetto salienta que a dissimulação honesta deve ser usada com moderação, na ocasião devida e por razões extraordinárias. Nesse sentido, talvez nem se pudesse falar propriamente em um dissimulador honesto, pois sua própria qualificação o desqualificaria.

Note-se, por fim, que ao elogiar a dissimulação honesta, o autor não se refere especificamente ao seu ofício de secretário, ponto sobre o qual parece ainda se apoiar a imagem mortificada do dissimulador honesto proposta por Nigro.

Importa-nos outra aproximação do texto de Accetto, levando-se em conta, especialmente, aspectos da sua composição com base em pressupostos retóricos. Assim, para a construção da tese, o modo de tratar o objeto levou em conta a tradição retórica pressuposta à época. A terminologia retórica aparece então reposta em termos de ferramenta útil ao entendimento de uma composição que a previa. Neste sentido, foram levantadas tópicos da *inventio*, descritas características da *dispositio* e destacados recursos da *elocutio*, partindo de certa circunscrição dos gêneros e do estilo compreendidos pelo tratado accettiano. Por meio deste caminho, de um lado, visou-se apreciar aquilo que faz a sua peculiaridade frente aos tratados políticos e de civilidade, quer dizer, a sua construção como exemplo de preceptiva proposta; de outro lado, procurou-se ampliar o seu entendimento em relação à tradição retórico-filosófica e o tema, num viés diverso das críticas contemporâneas elencadas na introdução, voltadas basicamente para o contexto histórico ou para as motivações psicológicas do autor.

De caráter introdutório e refutatório, o primeiro capítulo trouxe elementos respeitantes ao ofício de secretário de palácio, cujas imagens admitem não só o taciturno e martirizado servidor, formulações caras à argumentação de críticos anteriores. Além disso, propiciou-se o reconhecimento de possíveis pressupostos intelectuais de Accetto, a partir de um breve recenseamento da produção letrada voltada à formação de secretários. A escrita de cartas aparece como especialidade do ofício, não se restringindo necessariamente a um conhecimento ‘burocrático’, repetitivo, mas exigindo amplo domínio da arte de escrever, visto que, por vezes, os segredos de Estado deveriam não só estar ocultos mas também, ao mesmo tempo, manifestarem-se. Na breve inserção pela tradição da arte das cartas, ou *ars dictandi*, verificou-se ainda a sua interseção com os exercícios preparatórios ao estudo da retórica, os *progymnasmata*.

Após este painel, o segundo capítulo incidiu efetivamente sobre o *Della dissimulazione onesta*, buscando, através do levantamento das características dos gêneros de que participa, o tratado e o epidítico, mapear a estrutura e os recursos argumentativos de sua composição. Seguindo a forma ‘entimemática’ do tratado accettiano, apresentou-se inicialmente a relação do genérico das definições com a tradição das sentenças e a voga das agudezas. Em seguida, passou-se ao específico dos exemplos, dos casos em que a dissimulação aparece submetida ao decoro das circunstâncias, quando a ação

preconizada aparece fundamentada em seu análogo divino; também aí atentou-se para questões do estilo, com destaque às formulações metafóricas.

O terceiro capítulo demonstrou o fundamento aristotélico da dissimulação honesta com base no argumento chave de sua defesa: a aceitação da ironia socrática (atitude mais propriamente filosófica, do sábio, implicando portanto maior sinceridade) enquanto hábito virtuoso frente à afetação do saber (atitude mais propriamente sofisticada, do impostor, implicando maior recurso à mentira). Para tanto, fez-se uma apresentação em linhas gerais sobre a *phrônesis*, termo grego que passou para o latim, via Cícero, como *prudentia*, numa contração de *providentia*²². Para os conceitos de *dissimulatio* e *honestas* nos baseamos novamente em Cícero, que facilitou o entendimento da dissimulação honesta enquanto ação decorosa. Neste sentido, passamos à dissimulação nos tratados de civilidade de Baldassare Castiglione e Giovanni Della Casa, que unem preceitos retóricos e éticos, os quais de todo modo já se espelhavam em Aristóteles. Tratou-se assim dos recursos da aparência junto ao âmbito civil.

O quarto capítulo trouxe argumentos para ilustrar o valor da dissimulação no âmbito da ação governativa. Autores como Xenofonte, Tácito e Maquiavel exemplificaram seu uso e funcionalidade para a manutenção do poder e expansão dos domínios. Apesar de terem seus postulados, de modo geral, reprovados em sua ‘impiedade’ pelos jesuítas da Contra-reforma, as formulações destes autores estiveram na base dos tratados sobre Razão de Estado, de Giovanni Botero aos espanhóis Pedro de Rivadeneira e Saavedra Fajardo. Por fim, fez-se o contraponto de Accetto frente a Baltazar Gracián e seu elogio da ostentação, que confere a este recurso tradicionalmente entendido como vício, seja via Aristóteles seja via Cícero, uma fundamentação teológica.

O recurso político e civil às aparências, aceito pelos jesuítas, localiza a formulação de Accetto como composto plausível seguindo pressupostos da própria tratadística contra-reformista; porém, ao mesmo tempo, tornou-se clara a peculiaridade e a agudeza de sua composição, que para manter a severidade de sua postura, atenta para os limites do recurso, e tenta reduzir pela teoria o que se expande pelos exemplos.

O quinto capítulo retoma justamente o tratamento da matéria por Accetto, iniciando com questões gerais relativas à composição. Discutiu-se inicialmente a questão do lugar comum em relação com uma das marcas do estilo de Accetto, o caráter alusivo próprio ao laconismo. A partir desta introdução, foram levantadas possibilidades de interpretação de possíveis alusões a Maquiavel e à moral estoíco-romana de Cícero e Sêneca. Atentou-se também para tópicos ‘cristãs’ como a do coração oculto, em relação à questão da mentira nos termos formulados por Agostinho. Por fim, a dissimulação honesta foi revelada em seus possíveis flertes com o paradoxo, ainda que a relação efetivamente não se consumasse.

²² Cf. AUBENQUE. Op. cit., n.2, pp.35-36.

BIBLIOGRAFIA

- ACCETTO, T. (1990). *Della dissimulazione onesta* (edizione critica a cura di Salvatore S. Nigro). 2ª ed. Genova. Costa & Nolan.
- AUBENQUE, P. (1993). *La prudence chez Aristote*. Paris. PUF (Quadrige).
- CASTIGLIONE, B. (s/d). *Il Cortigiano, Opere di Baldassare Castiglione, Giovanni della Casa, Benvenuto Cellini* (a cura di Carlo Cordié). Milano-Napoli. Ricciardi.
- CURTIUS, E. (1996). *Literatura Européia e Idade Média Latina* (trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai). SP. Hucitec/EDUSP.
- DURANTI, A. (1984). Da un dizionario seicentesco. Lubrano, Accetto, Pallavicino. *Paragone*. Anno XXXV. No 414, agosto.
- GRACIÁN, B. (1997). *El discreto*. (ed. Aurora Egidio) Madrid. Alianza (El libro de bolsillo).
- HATHERLY, A. (1985). Pirâmides obeliscos mausólus e lisonjas do barroco português. *Colóquio artes. Revista trimestral de artes visuais, música e bailado*. No 66. Setembro, pp.5-6.
- MAGANELLI, G. (1990). "Presentazione", in ACCETTO. Torquato. *Della dissimulazione onesta* (edizione critica a cura di Salvatore S. Nigro). 2ª ed. Genova. Costa & Nolan.
- NIGRO, S.S. (1995). "O Secretário", in Rosario VILLARI (direcção de). *O homem barroco* (trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo). Lisboa. Presença.
- _____. (1987). "Lezione sull'ombra", in ACCETTO. Torquato. *Rime amorose*. Torino. Einaudi.
- _____. (1990). "Scriptor necans", in ACCETTO. Torquato. *Della dissimulazione onesta*. (edizione critica a cura di Salvatore S. Nigro). 2ª ed. Genova. Costa & Nolan.
- PÉCORA, A. (2001). "O Livro do Prudente Secretário", in ACCETTO. Torquato. *Da Dissimulação Honesta* (trad. Edmir Míssio). SP. Martins Fontes.
- QUINTILIANO. (1979). *L'istituzione oratoria* (a cura di Rino Faranda e Piero Pecchiura). 2vs. Torino. UTET.
- NICOSIA, M. *La Fortezza della Luce, o la Via Regia*. In Zenit Studi – Ermetismo. Internet. <http://www.zenit.com/fortezza.htm>.
- PLATÃO. (1949). *Philèbe* (texte établi et traduit par Auguste Diès), in *Oeuvres complètes*. T.IX. 2ª parte. Paris. Belles Lettres.
- POZZI, G. (1996). *La Parola Dipinta*. 2ª ed. Milano. Adelphi.
- VILLARI, R. (1987). *Elogio della dissimulazione. La lotta politica nel Seicento*. Bari. Laterza.